

Marília Scaff Rocha Ribeiro

Geografias íntimas:

espaço e experiência na
ficção brasileira contemporânea

Marília Scaff Rocha Ribeiro

Geografias íntimas:

espaço e experiência na
ficção brasileira contemporânea

© - EDITORA UNIMONTES - 2017
Universidade Estadual de Montes Claros

REITOR

Professor João dos Reis Canela

VICE-REITOR

Professor Antonio Alvimar Souza

DIRETOR DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES

Jânio Marques Dias

EDITOR GERAL

Antônio Dimas Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA

Imprensa Universitária/Unimontes

DIAGRAMAÇÃO

Bernardino Mota

EDITORA UNIMONTES

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Adelica Aparecida Xavier;
Prof. Alfredo Maurício Batista de Paula;
Prof. Antônio Dimas Cardoso;
Prof. Carlos Renato Theóphilo;
Prof. Casimiro Marques Balsa;
Prof. Elton Dias Xavier;
Prof. José Geraldo de Freitas Drumond;
Prof. Laurindo Mékie Pereira;
Prof. Otávio Soares Dulci;
Prof. Marcos Esdras Leite;
Prof. Marcos Flávio Silva Vasconcelos Dângelo;
Profa. Regina de Cássia Ferreira Ribeiro.

REVISÃO LINGÜÍSTICA

Francisco Rodrigues Júnior

Catálogo: Biblioteca Central Professor Antônio Jorge
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R484g Ribeiro, Marília Scaff Rocha.
Geografias íntimas: espaço e experiência na ficção
brasileira contemporânea / Marília Scaff Rocha Ribeiro.
– Montes Claros: Ed. UNIMONTES, 2017.
199 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-94368-01-0

1. Espaço e tempo na literatura. 2. Hatoum, Milton,
1952 – Dois Irmãos – Crítica e Interpretação. 3. Carvalho,
Bernardo, 1960 – Nove Noites – Crítica e Interpretação
4. Noll, João Gilberto, 1946 – Berkeley em Bellagio –
Crítica e Interpretação. I. Título.

CDD B869.09

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita do Editor.

EDITORA UNIMONTES
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro
Montes Claros - Minas Gerais - Brasil
CEP: 39.401-089 - CAIXA POSTAL: 126
www.unimontes.br
editora@unimontes.br

Filiada à



**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS**

AGRADECIMENTOS

Durante todo o processo de elaboração deste livro, contei com o apoio de mentores e o diálogo com diversos colegas a quem agradeço não apenas pela interlocução intelectual, mas também pela amizade e pela generosidade com que contribuíram com leituras, comentários, críticas e sugestões.

Devo agradecer, particularmente, a Nelson Vieira, Luiz Valente e Leonor Simas-Almeida, professores e orientadores que acompanharam o início da pesquisa durante meu doutorado na Brown University. Sou grata também a Fernanda Mourão e Sérgio Antonio Silva, que ajudaram na transição desse projeto para a forma de livro, e Saulo Gouveia, pela leitura atenta e pelas sugestões teóricas, muitas das quais levarei comigo para projetos futuros. Devo também à Michigan State University e ao Department of Romance and Classical Studies a acolhida profissional, e sou especialmente grata por ter tido as professoras Rocío Quispe-Agnoli e Maria Mudrovcic como mentoras durante meus anos na instituição. Sempre tive a alegria de contar com o apoio e o incentivo de meus pais, Luiz Ferraz da Rocha e Ivelin Scaff Ferraz da Rocha, e de minha irmã, Taís Scaff Rocha. Agradeço, principalmente, a Guilherme Trielli Ribeiro, que acompanhou de perto cada página dessa narrativa, e a meus filhos, Alice e Francisco, pela alegria e por me ensinarem a não andar com os pés no chão.

Versões anteriores e parciais de alguns capítulos deste livro foram publicadas, em inglês, em revistas acadêmicas nos Estados Unidos e na Inglaterra. Uma versão resumida

do Capítulo 2 aparece no artigo “The Spatial Construction of Difference in Milton Hatoum’s *Dois Irmãos*.” *Ellipsis. Journal of the American Portuguese Studies Association*. N. 9 (2011): 31-49. Parte do capítulo três foi publicada em “Fiction as Deception: Anthropology, Journalism, and Bernardo Carvalho’s *Literary Labyrinths in Nove Noites*.” *Bulletin of Hispanic Studies*. Liverpool: Liverpool University Press, vol. 91.3 (2014): pp. 307-316. Finalmente, o capítulo 4 revisita o artigo “A Long Journey Home: Local Meets Global in João Gilberto Noll’s *Berkeley em Bellagio*.” *Luso-Brazilian Review*. Madison: University of Wisconsin Press, n. 50.1 (June 2013): pp. 165-183. Agradeço aos Editores a permissão recebida para republicar versões modificadas e traduzidas ao português dos artigos citados.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....9

CAPÍTULO 1 - A VIRADA GEOGRÁFICA E O
RETORNO DO AUTOR NA FICÇÃO BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA.....23

O marinheiro e o camponês.....25

Espaços, lugares: situando a terminologia.....27

Regionalismo: variações sobre um tema.....37

Retrato da nação.....42

Experiência, experimento e narrativa.....48

CAPÍTULO 2 - UM PERFEITO PAR EXÓTICO:
OPOSIÇÕES, ASSIMETRIAS E ESPELHAMENTOS
EM DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATUUM....59

A Amazônia e o Oriente.....62

Topologias urbanas e domésticas.....71

Dois rios, dois irmãos.....80

O fio da memória.....90

CAPÍTULO 3 - ESPAÇOS ILUSÓRIOS: ANTRO-
POLOGIA, JORNALISMO E OS LIMITES DA
FICÇÃO EM NOVE NOITES, DE BERNARDO
CARVALHO.....99

Antropologia e literatura.....107

No coração das trevas.....114

Armadilhas narrativas.....120

Ciclos do terror.....126

Jornalismo e experiência.....129

Mil e uma noites.....132

CAPÍTULO 4 - VOLTANDO PARA CASA: FLUXOS GLOBAIS E LOCAIS EM BERKELEY EM BELLAGIO, DE JOÃO GILBERTO NOLL.....	139
Entre línguas e espaços.....	148
Língua e experiência.....	151
Fluxos globais.....	158
Uma voz coletiva.....	168
 CONCLUSÃO.....	 173
 INVERTENDO O OLHAR: FICÇÕES CENTRÍFUGAS.....	 173
 REFERÊNCIAS.....	 183

INTRODUÇÃO

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação.

Gaston Bachelard, *A poética do espaço*

Um estudo sobre ficção e a construção social do espaço pode, a princípio, levantar dúvidas sobre a indefinição potencial do seu âmbito de aplicação. A categoria “espaço” abrange uma infinidade de abordagens e, muitas vezes, sugere um conceito abstrato e intangível. Como apontou Henri Lefebvre, o problema do uso da ficção como ponto de partida para se estudar o espaço físico seria que “qualquer busca pelo espaço em textos literários vai encontrá-lo em todo lugar e em toda forma: incluído, descrito, projetado, sonhado, especulado. Quais textos poderiam ser considerados especiais a ponto de servir de base a uma análise ‘textual’?”¹ No entanto, embora a onipresença do espaço na literatura possa representar um problema para o filósofo ou o cientista social na sua tentativa de definir o espaço e sua construção social, acredito que a possibilidade de se abordá-lo de maneiras diferentes sugere que as escolhas envolvidas no processo literário são ainda mais significativas, e, portanto, válidas como objeto de análise.

As múltiplas maneiras pelas quais a literatura se re-

¹ LEFEBVRE. *The production of space*, p. 15. (Tradução minha).

laciona com o espaço físico apenas reiteram a importância de se entender a maneira como textos específicos se apropriam de determinados espaços, e as consequências literárias dessas escolhas. Não me interessa, neste livro, a elaboração de um estudo abrangente do espaço na literatura o qual poderia, posteriormente, ser aplicado a qualquer texto literário. A tentativa aqui vai em direção contrária: extrair pistas de textos específicos e analisar a forma como cada um aborda a questão espacial de maneira a revelar possibilidades literárias sintonizadas com concepções e percepções contemporâneas de espaço. Não privilegio “textos ideais” para uma teoria do espaço e da literatura em termos gerais, mas sim leituras de romances brasileiros que considero paradigmáticos da perspectiva contemporânea.

Enquanto Lefebvre resiste ao uso da literatura como um ponto de partida para se estudar o espaço, este trabalho propõe um estudo da literatura e do espaço que vai no sentido oposto, ou seja, parte da pesquisa de diferentes abordagens do espaço a fim de entender melhor os próprios textos literários em questão. É claro, contudo, que o objetivo final inclui também tentar entender de que maneira textos literários se relacionam com uma mudança mais abrangente na percepção espacial, e como eles respondem às mudanças do papel da literatura no quadro mais amplo de uma cultura contemporânea cada vez mais voltada às imagens.

Note-se que, para os fins deste estudo, considero “contemporaneidade” o período após a década de 1970, principalmente devido às mudanças decisivas para as referências geográficas provocadas pela aceleração das transforma-

ções tecnológicas, o que levou à percepção do mundo como uma teia globalizada de conexões entre lugares. Apesar de existirem conexões e relações entre áreas distantes do mundo há muitos séculos, acredito que a escala em que essas conexões acontecem hoje valida o uso do termo globalização para a caracterização de uma percepção espacial que é específica dos últimos cinquenta ou sessenta anos. Nicolau Sevcenko, em seu *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*, analisa a transição para o século XXI através do papel das novas tecnologias e seus efeitos sobre a percepção de espaço e tempo, insistindo na necessidade de enfrentar a globalização criticamente:

O surto vertiginoso das transformações tecnológicas não apenas abole a percepção do tempo: ele também obscurece as referências do espaço. Foi esse o efeito que levou os técnicos a formularem o conceito de globalização, implicando que, pela densa conectividade de toda a rede de comunicações e informações envolvendo o conjunto do planeta, tudo se tornou uma coisa só.²

Sevcenko aponta, logo em seguida, que essa definição é problemática quando se infere que a globalização resulta em homogeneização. Na realidade, ela canaliza para alguns centros de poder a capacidade de tomar decisões que afetam o mundo inteiro. No entanto, mesmo concordando com o papel e os efeitos da globalização como uma força modeladora, partilho o interesse de David Harvey em entender por que a elaboração de identidades ligadas a lugares

2 SEVCENKO. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*, p. 21.

tornou-se mais e não menos importante em um mundo com menos barreiras espaciais para troca, circulação e comunicação.³ Reconheço a diferença entre o conceito de globalização, do modo como é entendido a partir do ponto de vista dos economistas e técnicos, e sua apropriação pela literatura, que filtra tais elaborações através do uso da imaginação. Como Marc Augé define, estamos experimentando uma superabundância espacial, que se dá a ver “nas mudanças de escala, na multiplicação das referências energéticas e imaginárias, e nas espetaculares acelerações dos meios de transporte”, que resultam “em consideráveis modificações físicas: concentrações urbanas, transferências de população, multiplicação daquilo a que chamaremos ‘não-lugares’”⁴. Nesse contexto, gostaria de traçar a forma como parte da literatura escrita recentemente responde a essa “mudança de escala”. Uma recente “virada geográfica” nas ciências sociais, por meio da qual o paradigma predominantemente temporal do século XIX dá lugar a uma abordagem mais espacialmente orientada nos séculos XX e XXI, é também consequência dessa mudança na sensibilidade descrita por Augé, e será discutida em detalhe no Capítulo 1.

Além disso, este livro tem como foco a relação entre o espaço físico e a experiência, estreitando ainda mais o seu âmbito de aplicação. Por um lado, essa relação diz respeito ao modo como os textos literários empregam experiências da vida real na construção de uma dimensão espacial ficcional. Mas, além da experiência pessoal implicada nesta

3 HARVEY. *From space to place and back again: reflections on the condition of postmodernity*, p. 4. (Tradução minha).

4 AUGÉ. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, p. 36-37.

transposição, também me interessa a forma como os espaços são construídos ou “produzidos” coletivamente e quais são os limites e as possibilidades da narrativa contemporânea de comunicar essas experiências comuns através da representação do espaço. Por um lado, a literatura representa espaços, trazendo à ficção elementos de realidade que são comumente entendidos de formas convencionalmente aceitas. Por outro lado, a ficção também ajuda a criar essas mesmas convenções, contribuindo para discursos que vão além da literatura em si. Minha análise enfatiza este duplo impulso de representar e criar, e visa demonstrar como escritores diferentes, muitas vezes, destacam, estrategicamente, nuances específicas desta dualidade.

Interessa-me, particularmente, as formas com que a literatura contemporânea articula a impossibilidade de comunicar experiências enraizadas em regiões e espaços – impossibilidade que se apresenta, sobretudo, se considerarmos a experiência sob o viés da narrativa tradicional oral. Situo a ficção contemporânea brasileira no contexto de uma (provável) crise da narrativa e, em particular, do romance, que se tornou mais aguda desde as primeiras décadas do século XX. Concentro-me em três romances específicos, todos escritos na primeira década do século XXI, que, em minha opinião, melhor executam essa crítica da experiência ao questionarem representações tradicionais do espaço e noções arraigadas de autenticidade e de correlação entre a escrita e a realidade. Os autores dessas narrativas, Milton Hatoum (n. 1952), Bernardo Carvalho (n. 1960) e João Gilberto Noll (n. 1946), oferecem abordagens que respondem a questões relativas a realismo

e objetividade e realçam a coexistência de experiências contraditórias do espaço. Os três romances, a saber, *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum, *Nove noites* (2002), de Bernardo Carvalho, e *Berkeley em Bellagio* (2002), de João Gilberto Noll, são aqui considerados em suas próprias especificidades, mas também como exemplos de narrativas que se pautam por uma presença central de elementos referentes a espaço (sejam regionais, nacionais, internacionais) ao mesmo tempo em que põem em jogo questionamentos sobre noções de autoria e autobiografia.

No Brasil, a relação entre a literatura e espaço tem sido uma questão privilegiada de debate, especialmente quando se considera que os primeiros relatos sobre o espaço físico serviram como modelo para descrições posteriores da natureza singular do país. A colonização da América Latina se apropriou do espaço natural de uma forma particular, segundo Sérgio Buarque de Holanda. Em *Visão do paraíso*, o historiador compara as percepções dos ingleses e dos ibéricos sobre o Novo Mundo:

Se os primeiros colonos da América Inglesa vinham movidos pelo afã de construir, vencendo o rigor do deserto e da selva, uma comunidade abençoada, isenta de opressões religiosas e civis por eles padecidas em sua terra de origem, e onde enfim se realizaria o puro ideal evangélico, os da América Latina se deixavam atrair pela esperança de achar em suas conquistas um paraíso feito de riqueza mundana e beatitude celeste, que a eles se ofereceria sem reclamar labor maior, mas sim como um dom gratuito”.⁵

5 HOLANDA. *Visão do paraíso*, p. xviii.

No primeiro capítulo, intitulado “Experiência e fantasia”, Sérgio Buarque de Holanda demonstra como os cronistas portugueses se engajaram à sua colônia americana através de descrições que eram mais realistas, utilitárias e fundamentadas na experiência imediata do que os relatos mais fantasiosos e especulativos que eram a norma para as descrições do Oriente e da África. Essa tradição descritiva sobre a natureza e o espaço brasileiro irá reaparecer com força renovada em vários outros pontos da história literária brasileira e, certamente, servirá como ponto de interlocução aos romancistas que analiso neste livro.

Alguns estudiosos abordam a história da literatura brasileira através da oscilação entre localismo e cosmopolitismo, tanto em termos de conteúdo como de formas narrativas. Antonio Candido é provavelmente o mais representativo deles com a sua *Formação da literatura brasileira*, que discute uma noção de sistema literário (tornado possível pela tríade de autores, público-leitor e meio social) que se estabelece no Brasil no Arcadismo, através da conjunção de formas europeias e temas brasileiros. Alfredo Bosi, em *Dialética da colonização*, analisa o período colonial brasileiro por meio do exame de modelos literários que recuperam alternadamente paradigmas europeus – e, portanto, supostamente universais – e paradigmas locais. Mais recentemente, e de outro ângulo, Silviano Santiago escreve sobre o tema no ensaio “Atração do mundo: políticas de globalização e de identidade na moderna cultura brasileira”⁶.

As origens da literatura brasileira datam da época em

⁶ SANTIAGO. Atração do mundo: políticas de globalização e de identidade na moderna cultura brasileira, p. 11-44.

que o Brasil era uma colônia de exploração de bens naturais. Uma vez que cada ciclo de exploração (pau-brasil, açúcar, ouro, café, gado etc.) se concentrava em regiões específicas, e poucas tentativas foram feitas para conectar essas regiões social ou politicamente, o território brasileiro foi ocupado fragmentariamente, resultando em áreas sem muita comunicação entre si.⁷ Tais áreas, como Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, criaram centros isolados que moldaram a colônia como um “arquipélago cultural”, expressão usada por Alfredo Bosi na introdução de sua *História concisa da literatura brasileira* para explicar a divisão dos subsistemas regionais que mais tarde seriam o foco da literatura regionalista.

Após a independência política do Brasil e durante a primeira metade do século XX, o regionalismo continuou a ser uma forte presença na cena literária, apesar da crescente popularidade dos romances urbanos. Gilberto Freyre já reforçava, em seu *Manifesto regionalista de 1926*, a noção de que o Brasil era, naturalmente, composto por regiões: “Pois de regiões é que o Brasil, sociologicamente, é feito, desde os seus primeiros dias. Regiões naturais a que se sobrepuseram regiões sociais.”⁸ Freyre estava, então, reagindo à transferência do poder político do Nordeste rural

7 Durante o período colonial, relatos de viagem e poemas geralmente se referiam às especificidades regionais em termos de seu valor como mercadorias. Flávia Paula Carvalho argumenta que “tanto nos escritos dos cronistas do século XVI e XVII quanto nos poetas, aparece não uma paisagem, mas um rol de produtos para consumo ou para exploração” (CARVALHO. *A natureza na literatura brasileira: regionalismo pré-modernista*, p. 36). Como tal, cada região era conhecida por sua atividade econômica predominante, um processo que continuou até o romance regionalista da década de 1930. A literatura regionalista era, e talvez continue a ser, estreitamente ligada a mercadorias ou sistemas de trabalho específicos.

8 FREYRE. *Manifesto regionalista de 1926*, p. 25.

para o Sudeste mais urbano e industrializado, e tentava recuperar para as diferentes regiões um sentido de autonomia (e uma antiga posição de liderança para o Nordeste, em especial). De fato, em vários momentos históricos em que a identidade do país passou por debate e redefinição, a literatura nativista ou regional foi celebrada e também muitas vezes prescrita como a única forma ficcional aceitável. No entanto, mesmo durante esses momentos, alguns escritores e críticos foram capazes de ver para além da dualidade entre localismo e cosmopolitismo e defender o espaço como uma categoria mais geral capaz de comunicar diferentes e diversos tipos de expressão literária.

Durante a última década do século XIX, Machado de Assis, que na época já era um dos mais importantes escritores do Brasil, demonstrou cautela perante a imposição de um paradigma local ou regional como medida de valor e autenticidade para a literatura brasileira. Em seu famoso artigo “Instinto de nacionalidade”, o escritor critica a convenção literária de seu tempo, “que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local”:

Não há dúvida que uma literatura nascente deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região, mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é um sentimento íntimo, que o torna homem de seu tempo e de seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.⁹

⁹ ASSIS. Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade, p. 803-804. É curioso que o argumento de Machado a favor de menos ênfase no local tenha sido impresso pela primeira vez no exterior (o ensaio foi primeiro publicado em 24 de março de 1873, no

Machado chega a sugerir que cada autor deve, de fato, engajar-se no seu próprio tempo e em seu próprio ambiente, mas que a forma para esta conexão com o mundo externo não deve de maneira alguma se restringir a um repertório nativista de fórmulas. A imposição da cor local era, para ele, desnecessariamente limitadora, e ao reivindicar mais liberdade de ação para todos os escritores, ele estava também defendendo suas próprias decisões artísticas e sua maneira particular de “ser um homem de seu tempo e de seu país”.

Os três autores escolhidos para este livro optaram por posturas semelhantes, e não é de se estranhar que Machado continue a ser uma referência importante para eles. Preocupações similares a questões espaciais e históricas aparecem nos romances analisados a seguir. Cada um deles responde a tais questões usando essa mesma ideia de “sentimento íntimo” ao abordar questões espaciais. Apesar de diferirem quanto ao estilo e posicionamento literário em geral, os três romances se aproximam ao privilegiarem a dimensão geográfica e espacial, o uso de uma narrativa em primeira pessoa complexa, e a interferência de informações biográficas usadas como um dispositivo que desafia noções de autenticidade e experiência.

Este estudo se estrutura da seguinte forma: o capítulo um faz uma revisão do debate terminológico relativo à definição de lugar e espaço, concentrando-se nos últimos cinquenta anos. São abordadas questões relativas à tradição literária brasileira e uma análise de várias teorias sobre as possibilidades e impossibilidades de intercâmbio

jornal intitulado *Novo Mundo*, editado em Nova York pelo poeta brasileiro Sousândrade).

de experiências por meio de narrativas é apresentada.

Os capítulos dois, três e quatro têm como foco as maneiras com que cada um dos três romances aborda o espaço físico e a autoria. Neles discuto, respectivamente, as obras de Milton Hatoum, Bernardo Carvalho e João Gilberto Noll, não implicando tal sequência numa progressão qualitativa ou desenvolvimento cumulativo de um tema. A ordem dos capítulos reflete simplesmente as diferenças no tratamento do espaço, passando de uma abordagem mais centrada em uma região geográfica para a dissolução mais pronunciada das fronteiras.

Há em Milton Hatoum, por exemplo, traços de nostalgia por uma narrativa capaz de capturar experiências específicas que emanam de certos locais, que se faz visível nas referências a narrativas de tradição oral e sua homenagem a clássicos franceses do século XIX, mestres na descrição. Embora Hatoum tenha consciência dos limites desse tipo de narrativa, ele é, entre os três escritores, o único que acena para um regionalismo mais tradicional. Em relação ao debate em torno da narrativa e as suas possibilidades de transmitir experiência, Walter Benjamin é, indiscutivelmente, a maior inspiração para Hatoum. Enquanto Benjamin lamenta o declínio da experiência, ele é ambivalente ao condenar a contemporaneidade. Sua posição é ambígua em relação às possibilidades das novas tecnologias de permitirem a troca de experiências de diferentes maneiras. Milton Hatoum se alinha a Benjamin nesse posicionamento quando presta homenagem à narrativa oral em suas obras e sinaliza a possibilidade de encontrar um estilo pessoal dentro de uma dada tradição

narrativa, embora com um traço marcadamente contemporâneo. *Dois irmãos* contrasta a plenitude de um estilo tradicional de contar histórias (incorporado pelo patriarca contando histórias sobre o Oriente e pela empregada indígena contando histórias sobre a Amazônia) com a posição deslocada do narrador dentro da casa e em Manaus. Ao fazê-lo, o romance ressalta as dificuldades de comunicar experiências pela narrativa, sem descartar completamente sua possibilidade e relevância.

Por sua vez, Bernardo Carvalho, possivelmente o mais irônico em relação ao realismo como opção literária, insiste nas impossibilidades do narrar, criando histórias que parodiam e minam a própria autoridade do narrador, bem como a tendência contemporânea de ver tudo, incluindo espaços, como mercadorias. Sua instância compartilha muitos pontos em comum com Theodor Adorno, que rejeita qualquer possibilidade de troca de experiências, em termos benjaminianos, na literatura do século XX. Para Adorno, a totalidade disponível para o contador de histórias tradicional já não está disponível na contemporaneidade, e a única posição crítica possível para o narrador moderno (e pós-moderno, poderíamos acrescentar) é a resistência perante um “mundo administrado”, bem como a denúncia da ilusão realista na literatura¹⁰. Bernardo Carvalho parece pertencer a esta família literária – suas narrativas, incluindo *Nove noites*, exibem uma visão desencantada do mundo contemporâneo e uma postura combativa em relação a qualquer tipo de relação não-mediada entre texto e realidade.

10 ADORNO. Posição do narrador no romance contemporâneo, p. 55-64.

Finalmente, João Gilberto Noll trabalha com a noção de desenraizamento a partir de uma outra perspectiva, apropriando-se de elementos surrealistas a fim de criar uma montagem de espaços que, em última análise, responde à globalização através de um repensar de fronteiras, tanto regionais como nacionais. Sua ênfase na criação de uma linguagem estranha coloca a discussão sobre a experiência nos termos do *experimentum linguae* de Giorgio Agamben. Agamben também concorda que a fragmentação dos tempos contemporâneos não permite uma verdadeira troca de experiências, mas o seu foco recai sobre como as experiências são construídas dentro da própria linguagem, e só podem ser entendidas dentro desse espaço. *Berkeley em Bellagio* lida com a dicotomia sensação/ linguagem ao tentar se aproximar desse lugar da experiência.

Evidentemente, as teorias sobre narrativa, espaço e experiência dos três filósofos aqui citados se aplicam, por diferentes razões, a todos os escritores aqui tratados, além de vários outros. O privilégio dado à teoria de um dado filósofo ao tratar de um escritor específico deve-se aqui ao desejo de resumir o modo como entendo e procuro descrever e interpretar os traços mais característicos de cada romance.

Os três autores apresentados respondem, por meio do uso deliberado de experiências autobiográficas em sua escrita, à questão de uma suposta perda da capacidade do romance de comunicar experiências. Esse uso, no entanto, não conduz à reivindicação, por parte dos autores, de qualquer tipo de legitimação ligada ao fato de as histórias serem baseadas em fatos reais. Ao contrário, a intenção

Geografias íntimas: espaço e experiência na ficção brasileira contemporânea

desses autores é problematizar qualquer relação direta entre experiências vividas e ficcionais, favorecendo o papel inventivo e imaginativo da ficção.